

ESTAR NO MUNDO

Ou

ESTAR SENDO

Jorge Vulibrun ¹



Cada cultura tem sua forma específica de se envolver com o mundo e de enfrentar os problemas que esse envolvimento lhe traz. É próprio do pensamento ocidental a utilização exaustiva da “análise”, entendida como:

“Separação de um todo em seus elementos ou partes componentes; estudo pormenorizado de cada parte de um todo, para conhecer melhor sua natureza, suas funções, relações, causas, etc.; método de pensamento voltado para a compreensão ou explicação de qualquer fenômeno de natureza complexa, formulado inicialmente pela filosofia e largamente empregado pela ciência, que consiste em reduzir uma realidade intrincada, de difícil apreensão global, em seus elementos ou componentes básicos e simples”.

Como exemplo dessa atitude podemos citar o caso de Heidegger que, confrontado com o problema de definir ou precisar o fenômeno chamado “homem”, começa com a exigência de uma “*análise existencial*” desse fenômeno que o leva à “*necessidade de uma repetição explícita da questão do ser*” (Ser e Tempo, Capítulo Primeiro). Heidegger, com sua mentalidade profundamente ocidental, nos oferece,

¹ Este trabalho inclui trechos do livro do autor: “Yi JIng (I Ching) O Livro Das Mudanças; O que é, para que serve e como se usa este livro milenar”, que pode ser encontrado em www.yijingorienta.com.br/.

nesse livro, um estudo brilhante, incisivo, profundo (muito profundo ²) e elaborado (muito elaborado, tanto nas suas formas analítica quanto linguística), sobre o homem e sua posição no mundo, estudo que teve muita influência no pensamento ocidental do séc. XX. ³

Infelizmente, esse estudo acaba sendo útil só para a Academia e representa um suplício para alunos de filosofia e um pesadelo para seus tradutores, já que Heidegger não percebeu duas armadilhas nas quais estava preso: 1º) a própria necessidade de uma análise profunda e 2º) a palavra ‘ser’, cheia de “*preconceitos*” (que ele mesmo descreve no Parágrafo 1 do Primeiro Capítulo) que, por ter sido tão utilizada no Ocidente de forma filosófica, religiosa ou leiga, tem um sentido ambíguo e extremamente aberto a interpretações.

Heidegger, para considerar o homem, se vê obrigado a cunhar uma palavra em alemão, *dasein*, lit. ‘ser-aí’, e identifica sua característica principal com a expressão “*ser-no-mundo*” e aí começam os problemas. Exemplo: nessas expressões heideggerianas, a palavra ‘ser’ deve ser lida como verbo ou como substantivo? Ela expressa um conjunto de qualidades ou denomina algo que existe? Além disso, ‘ser’ remete nos leitores, gostemos ou não, às ideias de eternidade, atemporalidade, imutabilidade e, até, de transcendência do mundo numa espécie de realidade absoluta fora da experiência direta dos humanos.

Mas, felizmente a junção entre filosofia chinesa e a língua portuguesa permite oferecer uma expressão alternativa, mais simples, direta e objetiva e muito mais adequada para orientar a vida real e concreta dos seres humanos, iluminando o conceito heideggeriano de “*ser-no-mundo*” do *dasein* e simplificando sua formulação ao libera-lo das amarras do verbo “ser”.

A contribuição da filosofia chinesa é triple. Primeiro, porque o objetivo fundamental das suas quatro correntes principais, confucionismo, taoísmo, budismo e legalismo, não é o “*conhecer*”, no sentido utilizado no Ocidente de “saber por que” ou “saber sobre”, mas o “*saber fazer*”, no sentido de “saber como” ou “saber para que”, o que implica a supremacia da ética com relação à ontologia. Segundo, porque questiona a capacidade da análise como método de conhecimento (“*O nome que pode ser nomeado não é um nome permanente*” diz o Tao Te Ching, cap. I, em função da mutabilidade própria das línguas, do conhecimento e da própria capacidade humana). Terceiro, porque sua ênfase em conceber o mundo como

² Impossível resistir à tentação de citar a Ortega y Gasset (Obras Completas, Vol. IX Pág. 630): “Heidegger é profundo, mas [...] necessito acrescentar que não só é profundo, mas também quer sê-lo, e isso já não me parece tão bom. Heidegger, que é genial, sofre da mania da profundidade. Porque a filosofia não é somente uma viagem às profundezas. É uma viagem de ida e volta e, portanto, trazer o profundo à superfície e fazê-lo claro, patente, truísta. Husserl [...] disse que considera uma imperfeição da filosofia aquilo que sempre se tem elogiado dela: a profundidade. Trata-se nela de fazer patente o latente, raso o profundo [...]. Filosofar é, ao mesmo tempo aprofundar e patentear, uma frenética ânsia de revirar a realidade fazendo que o profundo se converta em superficial”. Ou, como disse Bertrand Russell: “O truque da filosofia é começar por algo tão simples que ninguém ache digno de nota e terminar por algo tão complexo que ninguém entenda”.

³ Devemos acrescentar que a profundidade filosófica de Heidegger não o impediu de ser um fervente partidário do nazismo hitleriano, o que destaca suas dificuldades pessoais em fazer a viagem de ida e volta às profundezas.

formado por 萬物 *wan wu* (lit. ‘dez mil coisas’, ou uma miríade de “processos”⁴), substitui a visão, própria do Ocidente, do mundo como formado por partes independentes ou “objetos diferenciados” que constituem um todo, por uma visão de um todo dividido temporariamente em partes que se interpenetram constantemente.

A contribuição da língua portuguesa, por sua parte, consiste no seu quase exclusivo verbo “estar”⁵, que enfatiza a transitoriedade própria dos fenômenos, transitoriedade que nas outras línguas só pode ser expressa recorrendo ao próprio verbo “ser”, misturando assim transitoriedade com imutabilidade (vide mais embaixo).

Para melhor caracterizar o problema podemos nos formular quatro perguntas:

- 1) Existe algo permanente?
- 2) O homem é um ente, no sentido de “aquilo que é”?
- 3) Pode o homem ser isolado das suas circunstâncias?
- 4) Podemos identificar no homem um núcleo único que o caracteriza e governa?

Primeira pergunta: Existe algo permanente? Resposta: Não.

A visão ocidental do mundo o caracteriza como formado por uma quantidade de objetos ou coisas, entendendo ‘coisas’, em geral, como objetos materiais. A ele se acrescenta um reino adicional (cujo status é fonte de intermináveis discussões) que, de alguma forma, transcende a esse mundo e está formado pela subjetividade e sensibilidade dos humanos... que observam à distância

⁴ Em chinês, 物 *wù* “coisa”, inclui os objetos materiais e imateriais, os animais e os humanos, por isso é mais bem traduzida por “processo”. **Processo**: “Ação continuada, realização contínua e prolongada de alguma atividade; seguimento, curso, decurso. Sequência contínua de fatos ou operações que apresentam certa unidade ou que se reproduzem com certa regularidade; andamento, desenvolvimento, marcha”. Utilizada como alternativa a “coisa”, que se restringe ao material e aos objetos, e a “fenômeno”, que se refere àquilo que nos aparece, mas que fica demasiadamente vinculado à nossa percepção. Confrontar com **Fenômeno**: “Fato, aspecto ou ocorrência passível de observação; fato de natureza moral ou social; Filos.: objeto de experimentação; fato; Filos.: o que se manifesta à consciência”; e **Coisa**: “Aquilo que existe ou pode existir; objeto inanimado; realidade, fato; negócio, interesse; empreendimento, empresa; acontecimento, ocorrência, caso; assunto, matéria”.

⁵ O verbo “**estar**” não existe nas línguas que alguns supõem, Heidegger dentre eles, ser mais bem aparelhadas para fazer filosofia do que o português ou o espanhol, como seriam o grego, o alemão, o inglês ou o francês. Deriva do latim *stare*, lit. estar de pé, entanto ‘ser’ deriva do latim *sedere*, lit. estar sentado, que se diferenciam pelo fato de ‘ser’ referenciar qualidades essenciais e permanentes, entanto ‘estar’ refere-se a qualidades acidentais e transitórias. Assim, o sentido de ‘estar’ é: “Ter ou apresentar (certa condição física, emocional, material, profissional, etc., não permanente); encontrar-se (em certo momento ou lugar, transitoriamente)”. Por oportuno, devemos mencionar que a língua chinesa não possui o verbo SER, para ela as coisas ou ESTÃO 居 *jū* (um homem 尸 durante muito tempo 古): “Estar em certa posição, ocupar um posto”, ou EXISTEM 在 *zài* (um broto 才 na terra 土): “Existir, viver, estar em”, ou são AFIRMADAS 是 *shì* (o correto 正 baixo a luz do sol 日): “Sim, afirmativo”

o mundo objetivo. Chamamos ‘fenômenos’ à apreensão, mais ou menos ilusória, dessas ‘coisas’ pela nossa sensibilidade.

A visão chinesa do mundo, pelo contrário, é de que ele é formado por uma miríade de processos interdependentes (萬物 *wàn wù*), onde cada um deles segue seus princípios imanentes, ou seja, aqueles que lhe são próprios, caracterizados pelo conceito de 自然 *zì rán*, lit.: “*ser assim por si mesmos*”. Estes processos estão fluindo permanentemente, interagindo entre si, numa sucessão interminável que caracteriza o processo que engloba tudo o que existe, existiu ou existirá.⁶ Assim, podemos observar que a estabilidade das coisas é um estado temporário e aparente porque, inevitavelmente, elas continuarão sua evolução através do processo natural de geração, maturação, decadência e extinção, sejam objetos, animais, planetas, estrelas, galáxias... ou homens e deuses.

Processos tendem naturalmente a uma interação entre eles, enquanto que objetos tendem naturalmente à sua diferenciação. Assim, os pensadores chineses priorizavam a “continuidade”, enquanto que o Ocidente prioriza a “identidade”. Dentro de um contexto que prioriza os processos, o conceito de “identidade” fica, no mínimo, comprometido: esta mesa é uma mesa e aquela mesa também é uma mesa, as duas com quatro pés, mas uma é de imbuia e a outra de pinho, uma pode harmonizar um determinado ambiente e a outra pode desequilibrá-lo totalmente; assim, dificilmente duas mesas seriam idênticas.

Todos esses processos “não são nada”, “estão vazios”, no sentido de não terem substância ou essência duradoura que os caracterize e corresponde ao conceito budista de *shuniata*, que significa, literalmente, ‘qualidade do vácuo’ ou ‘vacuidade’. Ignorar este fato é, para o budismo, *avidia* ou “ignorância fundamental” e fonte de todos os problemas humanos. Assim, podemos dizer que nenhum desses processos é “*em-si*”, sendo, unicamente, “*entre-si*”, pois não podem ser entendidos fora de sua relação e continuidade com outros processos: se considerarmos uma pedra, ela não é sozinha, necessitamos da visão ou do tato como agentes intermediários entre ela e nós. Resumindo, em português claro, esses processos “*não são, estão sendo*”⁷ e estão transformando-se permanentemente uns nos outros; assim, não temos “substâncias”, mas sim “fluxo”⁸. Todos esses processos podem

⁶ Um dos princípios básicos do budismo é o do “surgimento condicionado”: surgimento de todo e qualquer fenômeno, condicionado pela sua relação com os outros fenômenos.

⁷ Frase muito difícil de traduzir ao grego, ao alemão, ao inglês ou ao francês. E por que? Novamente, porque elas não possuem o verbo “**estar**” (vide nota 5 acima). Se considerarmos o inglês, esta frase deve ser traduzida como “they are not, they are being”, literalmente “eles não são, eles são sendo”, o que obriga a destacar explicitamente a existência de um sujeito separado dos outros fenômenos, a perder a referência direta à transitoriedade e a enfatizar o verbo “ser” com suas conotações sobre essências, substâncias, etc. Na filosofia ocidental o primeiro a defender essa transitoriedade, já no século V a.C., foi Heráclito com seu rio, que nunca era o mesmo. Mas foi necessário esperar o século XX para que essa ideia fosse novamente defendida com força. Esta frase pode, às vezes, ser inadequadamente interpretada como “vir-a-ser” (derivada, por exemplo, do inglês “they are becoming” que tenta fugir da armadilha do verbo ‘to be’); mas isso não somente transfere o foco do presente para um momento seguinte que nem sabemos se conseguiremos viver (nesta interpretação fica implícito que “ainda não somos”), como implica uma teleologia, no sentido de existir algo específico que TEMOS que alcançar.

⁸ A partir da Ilustração, o Ocidente divide claramente o mundo em átomos ou fatos, cada um dos quais não depende dos átomos ou fatos que estejam ao redor. Só que a ciência do séc. XX demonstrou o errado dessa concepção e lidera uma mudança na forma de compreender o mundo, como, por exemplo, sugerida pelo chamado ‘emaranhamento de Schrödinger’: “*O emaranhamento*

ser visualizados como átomos dançando no espaço. E o que são os átomos? Depois de Einstein, nada mais do que energia ‘solidificada’.⁹

Segunda pergunta: O homem é um ente, no sentido de “aquilo que é”?

Resposta: Não, ele não é, ele acontece.

“Aquilo que é”, remete à ideia de um núcleo estável por trás da aparente manifestação dos fenômenos, mas o que observamos na realidade é outra coisa: a onipresença das mudanças, da transitoriedade e da continuidade entre todos os processos.

Então, quem somos nós, humanos? Nada além de *umas coisas a mais*, processos também impermanentes, que nos relacionamos e interagimos com todos os outros processos que acontecem independentemente da nossa vontade. Os átomos de “meu” corpo originaram-se no interior de estrelas como subproduto do processo que produz sua energia ao fundir o hidrogênio em hélio (o chamado ciclo do carbono). Esses átomos espalharam-se pelo espaço quando essas estrelas explodiram no final da sua vida e concentraram-se ao redor do Sol quando ele se formou, passando a fazer parte do planeta Terra e, finalmente, chegaram a formar esse “meu” corpo. Só que, quando o Sol explodir, esses átomos voltarão a se espalhar pelo espaço, independentemente do fato de “eu” ter sido cremado ou sepultado.

Podemos constatar que somos processos formados por inúmeros outros processos independentes de um “eu” ou de uma “minha vontade” central (“meu” aparato digestivo funciona sozinho, afetando “meu” humor; “meu” sangue circula sozinho; “meus” hormônios se produzem sozinhos nas quantidades necessárias; “minha” respiração se produz sozinha; quando durmo “meus” sonhos chegam sozinhos; “meus” pensamentos invadem sozinhos a “minha” mente e são o resultado da circulação de uma corrente elétrica pelos “meus” neurônios; “meus” desejos aparecem sem que eu os convoque; “minhas” mãos tremem sozinhas, etc.)

Reiterando, ‘*meu*’ corpo é um fenômeno composto por múltiplas partes. Aliás, se descemos ao nível bioquímico, ele é um complexo de atividades químicas interagindo entre si, atividades que, *pelo que sabemos até agora*, são guiadas por: 1) os códigos registrados no ‘*meu*’ DNA, que coordenam a produção das proteínas que estão na base de toda essa atividade, 2) a influência de fatores externos (alimentação, meio ambiente, vínculos sociais) e 3) a presença no ‘*meu*’ corpo de bactérias, vírus, etc., organismos que não posso, a rigor, chamar de partes minhas,

liga partículas individuais em um todo indivisível. Um sistema clássico é sempre divisível, ao menos em princípio; quaisquer que sejam as propriedades coletivas que ele tenha, elas surgem de seus componentes que têm certas propriedades [individuais]. Mas um sistema emaranhado não pode ser quebrado dessa maneira. O emaranhamento tem estranhas consequências. Mesmo quando partículas emaranhadas estão distantes umas das outras, elas ainda se comportam como uma entidade única, levando ao que Einstein chamou de ‘ação fantasmagórica à distância’
(Scientific American, julho 2011, pág.33)

⁹ É interessante destacar que a física moderna, por um lado teima em destruir princípios caros à filosofia ocidental como o de “substância”, mas, pelo outro, parece confirmar cada vez mais os pontos de vista das filosofias orientais. Como exemplo podemos citar o Sutra do Coração, texto fundamental do budismo, que diz: “[...] *forma nada mais é do que vazio, vazio nada mais é do que forma, todos os fenômenos são vazios*”.

mas sem alguns dos quais nem poderia viver (a flora intestinal, por exemplo). Então, o que posso dizer da maçã que vou comer amanhã? E o que dizer então do rio que recolheu a maçã que comi ontem? Quando posso dizer que já são ou deixaram de ser partes do meu 'eu'? Onde e quando 'eu' começo e onde e quando 'eu' acabo? E o cabelo que acabo de cortar? Não é o mesmo de que 'eu' cuidei com tanto esmero?

Terceira pergunta: Pode o homem ser isolado das suas circunstâncias?

Resposta: Não.

Além de ser um processo, o homem apresenta uma continuidade com todos os outros processos. Vejamos o seguinte exemplo: imaginemos que estou tranquilamente sentado ao lado do fogo, vestido com um chambre e pensando sobre uma decisão que devo tomar quando, inesperadamente, o latido feroz de um cachorro interrompe meus pensamentos; essa interrupção gera em mim uma sensação de raiva que me obriga a deixar para outro momento a decisão a ser tomada. Essa seqüência, centrada no meu ponto de vista, deixa de lado uma grande quantidade de fenômenos que intervieram no processo: alguma coisa chamou a atenção do cão; o cachorro interpretou esse fenômeno como ameaçador, provavelmente como resultado da sua história prévia, e o motivou a fazer vibrar suas cordas vocais, mexendo com o ar ao seu redor; o vento soprava de tal forma que, em lugar de enfraquecê-los, seus latidos, na forma de ondas sonoras, chegaram claramente aos meus ouvidos: a pressão do ar foi decodificada pelos meus sensores nervosos auditivos e uma corrente elétrica circulou até meu cérebro onde alterou a profunda observação em que me encontrava; meus pensamentos não estavam adequadamente concentrados já que um simples barulho externo os desviou; minha reação de raiva pode estar ligada a minha história pessoal, possivelmente por causa de uma rejeição a tudo o que contraria minhas vontades. A interrupção, por sua vez, pode ter consequências favoráveis ou não, porque no dia seguinte recebo uma carta que, sem eu o saber, já estava no correio na hora da interrupção e que muda aspectos importantes do problema. Pergunta: o que teria acontecido se o vento tivesse soprado em outra direção? O que levou o outro cão a passar pela frente do cachorro que me interrompeu? Será que estava fugindo assustado de um carro que quase o atropelou? E por que o motorista corria pela rua? Parecem especulações gratuitas, mas *alguma* coisa levou o cachorro a latir, *algum* conjunto de situações provocou que o vento soprasse numa direção, *algo* na minha história interagiu com essas circunstâncias.¹⁰

¹⁰ Devemos perceber que esta interação é um duro questionamento da realidade como tal. Como nos ensina o budismo, a realidade é o resultado da ação recíproca entre *minha* mente e *minhas* circunstâncias e, portanto, está sujeita às inevitáveis distorções resultantes de *minha* incapacidade de avaliar adequadamente este relacionamento já que nada mais estou fazendo do que uma *interpretação* dessas circunstâncias, interpretação condicionada pela *minha* história, *minha* acuidade, *meus* desejos e *minhas* emoções no momento em que as observo. Isso vale também para a ciência, que nada mais é do que *minha* interpretação sobre a leitura dos *meus* instrumentos (o que pensariam Galileu ou Newton sobre os dados emitidos por um acelerador de partículas? Os chamariam de ciência, alquimia ou bruxaria?). Isto não é puramente retórico, toda a física moderna está montada na teoria quântica que, pela sua vez, descansa naquilo que ainda hoje se chama de **Interpretação de Copenhagen**, formulada em 1927 e que está sendo permanentemente questionada, discutida, reinterpretada... mas nunca convertida numa *lei*.

Não devemos pensar que essa continuidade é puramente espacial; ela tem também uma dimensão temporal. O alimento que estou ingerindo e passará a fazer parte do *meu* corpo foi colhido por alguém, e alguém está colhendo o alimento que ingerirei amanhã. Neste momento, numa fábrica de autopeças é liberada, por engano, uma peça defeituosa; esta peça acabará provocando um acidente que mudará a vida de muitas pessoas. Assim, milhares de processos tiveram que interagir para acabar neste processo, eu autor, produzindo outro processo, este texto, para que outro processo, você leitor, o esteja lendo.

Quarta pergunta: Podemos identificar no homem um núcleo único que o caracteriza e governa? Resposta: Não.

Seguindo a Zhuangzi (ou Chuang Tzu, 369 a.C.?, 286 a.C.?), podemos dizer que, sendo o homem nada mais que um processo rodeado de processos, não podemos detectar nenhum elemento que o governe ou que o determine de forma categórica. Ou seja, será que nesse complexo de partes integradas que chamo ‘eu’, existe alguma que deva preferir sobre outra?

Ele destaca que as emoções, 情 *qíng*¹¹, são percebidas no nosso coraçãomente (um único órgão para o pensamento chinês) e influem na nossa conduta, mas existem outros órgãos que igualmente influem nas nossas escolhas de conduta: os olhos, o estômago, etc. Então, com qual deles devo me identificar? Zhuangzi se pergunta: “*Qual deles deve nos governar?*” “*A mente, que muda e envelhece*” como qualquer outro órgão? Estamos vivos, num processo de constante decaimento e, por mais que a mente pretenda nos governar com sua razão, ela mesma “*está submetida a esse deterioro paulatino*”. Como poderia ser ela nosso guia final? A partir de que momento deveríamos aceitar que ela deixou de nos guiar eficientemente? É necessário um diagnóstico formal de arteriosclerose para isso? A ‘terceira idade’ tem um momento certo para começar? Portanto, é evidente que a própria mente segue regras que se lhe impõem; ela tem, por sua vez, um “*regente*” que a governa.

Temos nossas características imanentes, claro, e dentre elas gostamos de destacar o pensamento racional, mas, apesar de nossas mais caras crenças, não somos entidades como pensamos ser, já que também somos vazios, ou seja, somos processos compostos e complexos, sem um “eu” ou uma “alma” com os quais possamos nos identificar¹².

A proposta de Mengzi (ou Mêncio, 370 a.C.? – 289 a.C.?) foi: o céu nos dotou do 心 *xin* (coração-mente) capaz de nos fazer agir moralmente. Realmente, a mente, onde se manifestam os *qíngs*, emoções, parece ser a candidata mais óbvia a

¹¹ Vide mais detalhes sobre *qíng*, emoções, no texto “A mente como instrumento” neste mesmo site www.yijingorientador.com.br/

¹² **SEM-EU.** Do sânscrito *anatman*, literalmente “não-eu”; em chinês 無我 *wu wô*: “sem eu, sem meu”. Como 我 é, especificamente, o pronome da primeira pessoa do singular, percebemos que o conceito de *anatman* não é uma discussão sobre a existência ou não de um *eu* freudiano ou de uma alma “eterna”, mas de algo mais simples e perturbador: o questionamento da existência de um sujeito para as ações verbais, em função de sermos um processo composto.

ser nosso ‘regente’ (no Ocidente, principalmente após Descartes, a escolhemos por ser sede do que chamamos ‘razão’; só que também temos os conceitos de alma, espírito, etc., assentos aparentes de uma espiritualidade que também deveria governar nossa moral). Então, quem nos governa? Quando procuramos um motivador ou controlador da nossa conduta, verificamos que outras partes do corpo são tanto ou mais eficientes do que a mente ou espírito para esse fim. Há momentos nos quais fome ou sexo determinam nossas ações contra o que nos aconselham nossa razão, nossa moral ou nossas emoções (chamadas, pejorativamente, de ‘paixões’). Então, vemos que, além de não conseguirmos detectar algo que governe sempre nossa conduta, respondemos a ações externas com reações emocionais, o que nos faz estabelecer uma relação, que chamamos de causa e efeito, entre elas e esse mundo externo ¹³.

A partir dessas considerações, Zhuangzi estabelece o princípio de que qualquer padrão, órgão ou distinção que tomemos como referência para nossas escolhas implica numa discriminação anterior baseada numa outra preferência, o que nos leva a um processo circular.

Portanto, este processo, que por comodidade chamamos “homem”, não somente interage com todos os outros processos como apresenta uma continuidade inerente com todos eles, alguns em maior grau, outros em grau menor (o que em física se conhece como Princípio de Mach ¹⁴). Não é somente o taoísmo que, através de Zhuangzi, não consegue encontrar um componente no homem que governe esse processo, mas todo o budismo está montado encima do conceito de “*anatman*” (vide nota 11) e nos ensina a desconfiar da razão como capaz de reger nossas vidas.

Claro, o homem tem uma compreensão do mundo que o rodeia que o caracteriza, mas a realidade é que todos os animais superiores apresentam um certo grau de compreensão: não somente um cachorro reconhece ao seu dono e o diferencia dos outros humanos com os que se relaciona quanto experimenta emoções quando o vê, emoções que é capaz de manifestar e que não resultam difíceis de perceber. É mais, o cachorro também é capaz de reconhecer o lugar onde mora, sabendo retornar ao mesmo. Obviamente, o homem tem a capacidade, aparentemente única, de se comunicar de através da fala, e possui uma memória mais duradoura do a que as dos cachorros e uma capacidade de abstração que parece

¹³ Certamente podemos tentar isolar uma causa determinada, mas já o efeito... O efeito depende de tantas variáveis (históricas, culturais, etc.) que condicionam o indivíduo afetado pela causa que podemos dizer que, na prática, dificilmente uma causa, em manifestações diversas, provocará um mesmo efeito. Então, para que nos serve a ideia de causalidade? Jung (in Wilhelm, p.16) disse, comparando o pensamento ocidental com o chinês: “*Nossa ciência, entretanto, é baseada no princípio de causalidade, o qual é considerado uma verdade axiomática. Mas uma grande mudança está ocorrendo em nosso ponto de vista. O que a “Crítica da Razão Pura” de Kant não conseguiu, está sendo realizado pela física moderna. Os axiomas da causalidade estão sendo abalados em seus fundamentos: sabemos agora que o que denominamos leis naturais são meramente verdades estatísticas que supõem, necessariamente, exceções. Ainda não nos apercebemos que necessitamos do laboratório com suas decisivas limitações para demonstrar a validade invariável das leis naturais. Se deixamos a natureza agir, veremos um quadro muito diferente: o acaso vai interferir total o parcialmente em todo o processo, tanto assim que, em circunstâncias naturais, uma sequência de fatos que esteja em absoluta concordância com leis específicas constitui quase uma exceção*”.

¹⁴ O Princípio de Mach diz: “A inércia de qualquer sistema é o resultado da sua interação com o resto do Universo. Noutras palavras, cada partícula do Universo exerce uma influência sobre todas as demais partículas”.

fora do alcance dos animais, mas tudo isso não caracteriza uma diferença fundamental, sendo somente uma questão de quantidade e complexidade. Em resumo, somos processos más complexos do que os animais mas, no fundo e ao igual do que eles, não somos nada, não temos substância (estamos formados pelos mesmos átomos) nem uma essência diferenciada (já que a aparente diferença é só questão de grau)

Considerando que se descobrem cinco novos planetas extra-solares por semana, que se espera identificar em 2020 os primeiros planetas com água e oxigênio e que parece praticamente certo que toda estrela tem planetas, podemos, inspirados por Rorty e sua lapidária pergunta: “*como podemos dizer que uma coisa é verdade se não sabemos o que não sabemos?*”, formular esta outra que deixa de ser retórica: nesse Universo imenso, quantos seres nos olham com a mesma piedade que manifestamos para com os nossos cachorros, seres que também são processos, só que muito mais complexos do que o homem e de formas que nem podemos imaginar? ¹⁵

Assim, e agrupando as respostas às quatro perguntas, podemos acunhar a expressão “*estar-no-mundo*” como uma alternativa válida à heideggeriana “ser-no-mundo”, diferenciada explicitamente por Heidegger entre seus componentes “ser”, “no” e “mundo (ele dedica capítulos inteiros no seu “Ser e Tempo” a analisar estes três conceitos) entanto a filosofia chinesa considera esse três conceitos como uma continuidade na qual eles se interpenetram como aspectos parciais de um processo geral que engloba tudo o que existe. Assim o homem “está-no-mundo” não no sentido de se localizar em e se diferenciar dele, mas no sentido de ser só uma faceta a mais desse todo, o que implica a ideia de um equilíbrio com ele que diminui a angustia do “estar lançado no mundo” como foi formulada por Heidegger (e que pode ser lida como “estar jogado no mundo”)

Na expressão “estar-no-mundo” identificamos os seguintes componentes:

- “Estar” remete à importância do momento presente e à transitoriedade imanente a todos os processos.
- “No” remete à continuidade característica de todos os processos, continuidade que dificulta a separação entre eles, em particular entre “eu” e aqueles processos que me rodeiam. ¹⁶
- “Mundo” remete à totalidade dos processos que formam o todo que chamamos de Universo e que constituem nossas circunstâncias, processos que mantêm “*entre-si*”, em função de suas características imanentes e individuais, aquele equilíbrio possível no momento.

Mas a língua portuguesa nos permite cunhar outra expressão que ilustra ainda mais o papel do homem (e de todos os fenômenos) e evita a interpretação do ‘estar-no-mundo’ como algo a ser localizado no espaço. Essa expressão é “**estar sendo**”, que apresenta as seguintes vantagens:

¹⁵ A quantidade de galáxias e estrelas no Universo é tão imensa que o ônus de justificar que estamos sozinhos nele recai totalmente naqueles que assim pensam. A lógica e os dados científicos apontam claramente à hipótese contrária: não estamos sós.

¹⁶ “*Eu sou eu e minhas circunstâncias*” disse Ortega y Gasset (Obras Completas, Vol. I, pág. 322)

- Enfatiza mais claramente o significado secundário do verbo ‘estar’: a transitoriedade, o ‘encontrar-se em certo momento’, como oposto a ‘encontrar-se em certo lugar’.
- Elimina o conflito verbo-substantivo da palavra ‘ser’ ao colocar explicitamente, na forma de gerúndio, sua função como verbo, realçando, portanto, as ações que caracterizam o andamento de todo processo.

Assim, o homem está sendo, tal como as flores estão sendo, uma sinfonia está sendo e, até, um quadro está sendo... porque algum dia todos eles desaparecerão.

Podemos, finalmente, destacar a riqueza implícita na abertura que significa o contato com o “outro”, com aquilo diferente a “mim”, ao “meu”, etc., como acontece com a filosofia chinesa para com a ocidental ou com o português para o alemão. Esses contatos ampliam o nosso horizonte permitindo-nos ser “*entre-nos*” com os outros processos, o que introduz novidade, estímulo e variedade àquilo que somos... no momento.